



VERUS
EDITORA

MAGGIE
STIEFVATER

TODOS OS
SANTITOS
MALDITOS

SUMÁRIO

COLORADO, 1962 | 1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

Epílogo

Agradecimentos

COLORADO, 1962

1

Você pode ouvir um milagre de longe depois do anoitecer.

Milagres lembram muito as ondas de rádio. Poucas pessoas se dão conta de que a onda de rádio ordinária e o milagre extraordinário têm muito em comum. Deixadas por conta própria, ondas de rádio não seriam audíveis por muito mais do que setenta ou oitenta quilômetros. Elas viajam por caminhos perfeitamente retilíneos a partir da sua fonte de transmissão e, como a Terra é esférica, não é preciso muito para que se despeçam do chão e partam rumo às estrelas. Não partiríamos todos, se tivéssemos oportunidade? Que lástima que tanto os milagres quanto as ondas de rádio sejam invisíveis, pois seria uma visão e tanto: faixas de prodígios e sons estendendo-se, retilíneas e verdadeiras, de todas as partes do mundo.

Mas nem ondas de rádio nem milagres escapam sem ser ouvidos. Alguns ricocheteiam do teto da ionosfera, onde prestativos elétrons livres oscilam em alegre harmonia com eles, antes de empurrá-los de volta para a Terra em novos ângulos. Dessa maneira um sinal pode saltar de Rosarito ou

Nogales, bater a cabeça na ionosfera e se ver em Houston ou Denver, mais forte do que nunca. E se ele for transmitido depois do pôr do sol? Muitas coisas nessa vida funcionam melhor sem a atenção intrometida do sol, e este processo é uma delas. À noite, ondas de rádio e milagres podem saltitar tantas vezes que, em alguns casos imprevisíveis, alcançam transmissores e santos a milhares de quilômetros de suas fontes. Dessa maneira, um pequeno milagre na minúscula Bicho Raro pode ser ouvido lá na Filadélfia, ou vice-versa. Isso é ciência? Religião? É difícil até para cientistas e santos apontarem a diferença entre os dois. Talvez não importe. Quando você cultiva sementes invisíveis, não pode esperar que todos concordem com a forma de suas safras invisíveis. É mais sábio simplesmente reconhecer que elas crescem bem juntas.

Na noite em que esta história começa, tanto um santo quanto um cientista estavam dando ouvidos aos milagres.



Estava escuro, escuro pra valer, como fica no deserto, e os três primos Soria haviam se reunido na carroceria de um caminhão-baú. Acima deles, fazia mais ou menos uma hora, as estrelas maiores vinham empurrando as menores para fora de seu lar celestial em um belo chuviscar. O céu abaixo delas era de um negro absoluto até os arbustos e plantas rasteiras que enchiam o vale.

O silêncio era quase total, exceto pelo rádio e pelos milagres.

O caminhão estava estacionado em uma faixa grande de vegetação cerrada, a vários quilômetros da cidade mais próxima. Não era grande coisa, só um caminhão de mudança Dodge 1958, com uma aparência de certa forma otimista. Uma lanterna traseira estava quebrada. O pneu dianteiro direito, ligeiramente mais baixo que o esquerdo. Havia uma mancha no assento do passageiro que cheiraria eternamente a cherry coke. Uma pequena escultura mexicana de madeira — meio gambá, meio coiote — pendia do retrovisor. O caminhão tinha placa do Michigan, embora ali não fosse o Michigan.

O rádio estava ligado. Não o rádio na boleia — o rádio na carroceria, um aparelho Motorola azul-esverdeado tirado do balcão da cozinha de Antonia Soria. Ele estava sintonizado na estação dos primos Soria. Não a que eles gostavam de ouvir, mas a que tinham criado. O caminhão-baú era o seu estúdio de transmissão sobre rodas.

Seu, seu. Na verdade, aqueles eram o caminhão de Beatriz Soria e a rádio de Beatriz Soria. Esta é a história dos Sorias, mas é mais dela do que de qualquer outro. Embora não fosse dela a voz transmitida pelas ondas de rádio AM, era seu coração complicado e infatigável que as propelia. Algumas pessoas têm sorrisos e lágrimas para mostrar como se sentem; já a enigmática Beatriz Soria tinha um caminhão cheio de transmissores no deserto do Colorado. Se ela se cortasse, onde quer que estivesse, os alto-falantes no caminhão-baú sangrariam.

— ... se está cansado de cantar só pra badalar — prometia o DJ —, você vai nos encontrar depois de o sol se

pôr, mas antes de o sol nascer.

Essa voz pertencia ao mais jovem dos primos, Joaquin. Ele tinha dezesseis anos, levava-se muito a sério e preferia que você o levasse também. Era cortês e barbeado, com fones de ouvido pressionados contra um único ouvido, para evitar estragar os cabelos, que ele havia untado em um penteado à la Elvis de considerável altura. Duas lanternas o iluminavam como intempestivos holofotes dourados, deixando todo o resto roxo, azul e negro. Joaquin estava usando a mesma camisa havia dois meses: uma camisa no estilo havaiano, vermelha, com mangas curtas e gola levantada. Ele vira uma camisa usada de maneira parecida no único filme a que conseguiu assistir em 1961 e havia prometido recriar o estilo para si. Um jardim de garrafas de refrigerante cheias de água crescia a seus pés. Joaquin tinha fobia de desidratação e, para combatê-la, sempre carregava água suficiente para hidratá-lo por dias.

Após o anoitecer, ele não era mais conhecido pelo nome Joaquin Soria. Na rádio móvel que cruzava o deserto montês elevado, chamava-se Diablo Diablo. Era um nome de DJ que teria escandalizado tanto sua mãe quanto a avó, se elas tivessem conhecimento dele, o que era o cerne da questão. Verdade seja dita, ele escandalizava um pouco o próprio Joaquin. Ele gostava da emoção do perigo cada vez que o dizia, supersticiosamente acreditando que, se sussurrasse um terceiro "Diablo" após o nome, o diabo poderia realmente aparecer.

Eis uma coisa que Joaquin Soria queria: ser famoso. Eis uma coisa que ele temia: morrer sozinho na poeira crestada

além dos limites de Bicho Raro.

— ... um pouco mais daqueles sonhos e daquela dança — continuou a voz do Diablo Diablo —, os sons mais quentes de 1962, de Del Norte a Blanca e de Villa Grove a Antonito, a música que vai salvar a sua alma.

Os outros dois primos no caminhão, Beatriz e Daniel, ergueram as sobrancelhas. Tal pretensão de cobrir todo o Vale San Luis com certeza era fraudulenta, mas os interesses de Joaquin tendiam mais para coisas que seriam legais se fossem verdadeiras, do que para coisas que realmente eram verdadeiras. Não, a rádio não cobria o vale, mas que tipo de lugar seria o mundo se ela pudesse?

Daniel mudou de posição. Os primos estavam sentados, com os joelhos encostando uns nos outros, na parte de trás do caminhão e, devido à proximidade confinada, o pé comprido de Daniel não conseguiu deixar de desestabilizar uma das garrafas de água de Joaquin. A tampa de metal estourou pelo chão, deslizando sobre a própria borda como se perseguida. Os cabos no chão esquivaram-se da água. O desastre sussurrou brevemente. E Joaquin arrebatou a garrafa e agitou-a na direção de Daniel.

— Não estrague o caminhão — disse. — Ele é novo.

Não era novo em si, mas como estação de rádio. Antes de o caminhão ter sido colocado em seu papel atual, havia sido usado pela família da irmã da esposa do irmão de Ana Maria Soria, para transportar os irmãos Alonso de seus serviços de pintura para os bares. O caminhão ficara cansado daquele tédio e havia quebrado, e, tendo em vista que os irmãos Alonso preferiam pintar e beber a levantar o

moral do caminhão, ele havia sido deixado para o cultivo de ervas daninhas. Na realidade, nessa época, ele havia juntado umidade suficiente para que crescesse uma safra de capim do charco e juncos, rápida e cerrada, sobre o teto e o capô, transformando completamente o caminhão em um pântano no meio do deserto. Animais vieram de quilômetros de distância para viver nesse oásis: primeiro um castor, então doze rãs-leopardo, com seus coaxares de cadeira de balanço rangendo, então trinta trutas cutthroat, tão ansiosas por um novo lar que atravessaram o vale a pé até o caminhão. O golpe final veio quando chegaram quatro dúzias de grouse-canadenses, tão altos quanto homens e duas vezes mais ruidosos. O caos desse pântano mantinha todos despertos, todas as horas de todos os dias.

Beatriz fora incumbida de espantar os animais. Foi quando descobriu o caminhão por baixo daquilo tudo. A lenta restauração que fez nele havia expulsado os animais tão gradualmente que o brejo novo mal notou que estava sendo convidado a ir embora, e logo a maior parte da família Soria nem lembrava mais que ele estivera ali. Mesmo o caminhão parecia ter sido praticamente esquecido. Embora as pranchas de madeira do chão ainda estivessem manchadas com círculos vermelhos de ferrugem das latas de tinta, a única lembrança de seu tempo como ecossistema era um ovo que Beatriz tinha encontrado debaixo do pedal do acelerador. Ele era enorme, do tamanho de um punho, mosqueado como a lua e leve como o ar. De uma rede de cabelo, ela fez uma rede de dormir transparente para ele e o pendurou na parte de trás

do caminhão, para dar sorte. Agora ele balançava de um lado para o outro sobre transmissores da Guerra da Coreia, toca-fitas de terceira mão, pratos quebrados e tubos catados no ferro-velho, resistências e capacitores.

Diablo Diablo (*Diablo!*) cantarolou:

— Em seguida, vamos tocar um disquinho bem legal dos Drifters. Estamos falando de “Save the Last Dance for Me”, mas a dança *não* terminou ainda, então sigam sintonizados.

Na realidade, Joaquin não tinha colocado um disquinho bem legal dos Drifters para tocar, embora a música tivesse começado a soar de um dos toca-fitas. Toda a transmissão fora pré-gravada, caso a rádio tivesse de cair fora apressadamente. A Comissão Federal de Comunicações não era muito chegada à ideia de a juventude dos Estados Unidos criando estações de rádio sem licença, em especial à medida que a juventude dos Estados Unidos parecia ter um gosto musical terrível e um desejo ardente pela revolução. Multas e um tempo na cadeia esperavam os transgressores.

— Você acredita que estejam nos rastreando? — perguntou Joaquin, com esperança. Ele não queria ser perseguido pelo Estado, mas queria ser ouvido, e esse seu desejo era tão grande que sentia que era seu dever presumir que o primeiro fosse inevitável.

Beatriz estava sentada junto ao transmissor, os dedos pairando vagamente sobre ele, imersa na própria imaginação. Quando percebeu que tanto Joaquin quanto Daniel estavam esperando que ela respondesse, disse:

— Não se o alcance não melhorou.

Beatriz era a segunda prima mais velha. Enquanto Joaquin era ruidoso e chamativo, Beatriz era serena e misteriosa. Tinha dezoito anos, uma Madonna com cabelos escuros divididos uniformemente de cada lado do rosto, o nariz na forma de um J e uma boca pequena e enigmática, que os homens provavelmente descreveriam como um botão de rosa, mas que Beatriz descreveria como “minha boca”. Ela tinha nove dedos, pois cortara um fora, por acidente, quando tinha doze anos, mas não se importava muito, pois era apenas um mindinho, e da mão direita (ela era canhota). No mínimo, tinha sido uma experiência interessante e, de qualquer forma, Beatriz não poderia tê-lo de volta agora.

Joaquin estava na rádio do caminhão-baú pela glória que isso representava, mas o envolvimento de Beatriz era, inteiramente, pela gratificação intelectual. Tanto a restauração do caminhão quanto a construção da rádio haviam sido quebra-cabeças, e ela gostava de quebra-cabeças. Ela *compreendia* quebra-cabeças. Quando tinha três anos, havia projetado uma ponte secreta retrátil, da janela do seu quarto até o cercado do cavalo, que permitia que ela a atravessasse no meio da noite sem ser fincada pelos espinhos, que eram uma praga na área. Quando Beatriz tinha sete anos, havia projetado um misto de móbile e teatro de fantoches, de de um jeito que podia se deitar na cama e fazer as bonecas da família Soria dançar para ela. Quando tinha nove anos, começou a desenvolver uma língua secreta com o pai, Francisco Soria, e eles ainda a estavam aperfeiçoando agora, nove anos mais tarde. Em sua

forma escrita, ela era construída apenas por conjuntos de números; sua forma oral era cantada em notas que correspondiam à fórmula matemática do sentimento desejado.

Eis uma coisa que Beatriz queria: devotar tempo para compreender como uma borboleta era similar a uma galáxia. Eis uma coisa que ela temia: que pedissem que fizesse qualquer outra coisa.

— Você acha que a Mama ou a Nana estão ouvindo? — insistiu Joaquin (Diablo Diablo!). Ele não queria que a mãe ou a avó descobrissem sua identidade alternativa, mas desejava que elas ouvissem o Diablo Diablo e sussurrassem uma para a outra que esse DJ pirata soava bonito e como Joaquin.

— Não se o alcance não melhorou — repetiu Beatriz.

Era uma questão que ela já tinha colocado para si mesma. O sinal da sua primeira transmissão tinha alcançado apenas algumas centenas de metros, apesar da grande antena de TV que ela acrescentara ao sistema. Agora a mente de Beatriz percorria cada lugar por onde o sinal poderia estar escapando antes de chegar à antena.

Joaquin parecia de mau humor.

— Você não precisa falar assim.

Beatriz não se sentia mal. Ela não tinha falado de nenhum jeito. Apenas falara. Às vezes, no entanto, isso não era o suficiente. Lá em sua Bicho Raro natal, às vezes a chamavam de *la chica sin sentimientos*. Beatriz não se importava de ser considerada uma garota sem sentimentos. A afirmação parecia verdadeira o suficiente para ela.

— De qualquer maneira, como elas poderiam estar ouvindo? Nós levamos o rádio.

Todos espiaram o rádio transistor surrupiado do balcão da cozinha de Antonia Soria.

— Passos pequenos, Joaquin — aconselhou Daniel. — Mesmo uma voz pequena ainda é uma voz.

Este era o terceiro e mais velho primo no caminhão. Seu nome era Daniel Lupe Soria, tinha dezenove anos, e seus pais estavam mortos havia mais tempo do que ele estava vivo. Em cada nó dos dedos das mãos, exceto nos polegares, ele tinha uma tatuagem de um olho, assim Daniel tinha oito olhos, como uma aranha, e ele tinha a constituição de uma aranha, com membros longos, proeminentes quando os dedos se juntavam, além de um corpo leve. Seu cabelo era liso e reto, descendo até os ombros. Daniel era o Santo de Bicho Raro, e era muito bom nisso. Beatriz e Joaquin o amavam muito, e ele os amava também.

Embora Daniel tivesse conhecimento do projeto de rádio de Beatriz e Joaquin, ele não os havia acompanhado antes, uma vez que ele, normalmente, estava ocupado demais com a questão dos milagres. Como Santo, a ida e vinda de milagres ocupava a maior parte de seus pensamentos e ações, uma tarefa que ele tinha grande prazer em fazer, e uma responsabilidade maior ainda. Mas, nesta noite, ele lidava com uma questão de importância pessoal e queria passar um tempo com os primos, para lembrar-se de todas as razões pelas quais era preciso ter cautela.

Eis uma coisa que Daniel queria: ajudar alguém a quem não o deixavam ajudar. Eis uma coisa que ele temia: arruinar sua família inteira por causa deste desejo privado.

— Mesmo uma voz pequena ainda é pequena — contrapôs Joaquin, irritado.

— Um dia você será famoso como Diablo Diablo e nós seremos os peregrinos, indo vê-lo em Los Angeles — disse Daniel.

— Ou pelo menos em Durango — reconsiderou Beatriz.

Joaquin preferiu imaginar um futuro em Los Angeles a um futuro em Durango, mas não protestou mais. A fé deles era suficiente por ora.

Em algumas famílias, *primo* não significa nada, mas isso não era verdade para essa geração dos Soria. Mesmo que as relações entre os Soria mais velhos fossem um tanto abrasivas, esses três primos Soria seguiram inseparáveis. Joaquin era fantasioso, mas, naquele caminhão, eles apreciavam sua ambição exagerada. Beatriz era distante, mas naquele caminhão, Daniel e Joaquin não precisavam de nada além do que a prima oferecia facilmente. E todos amavam o Santo de Bicho Raro, mas, no caminhão, Daniel era capaz de ser apenas humano.

— Olha, vou conferir o alcance agora — avisou Beatriz. — Passe o rádio para cá.

— Pegue você mesma — respondeu Joaquin. Mas Beatriz se limitou a ficar sentada em silêncio até que ele passasse o aparelho para ela. Não havia sentido em tentar vencer Beatriz nesse jogo.

— Vou com você — disse Daniel rapidamente.

Lá em Bicho Raro, havia uma dupla de cabras gêmeas chamadas Fea e Moco, que tinha nascido sob circunstâncias notáveis. É comum que cabras tenham gêmeas, mesmo trigêmeas, então não era notável que Fea e Moco fossem gêmeas. O que era extraordinário era que Moco nasceu primeiro e, em seguida, a mãe de Fea decidiu que não tinha energia ou interesse em parir uma segunda vez na mesma noite. Então, embora Fea pudesse ter ficado satisfeita em nascer minutos depois de sua gêmea, ela seguiu no útero da mãe por meses, enquanto esta criava a vontade de parir de novo. Finalmente, Fea nasceu. O tempo adicional no útero, longe do sol, tinha deixado seu pelo todo negro. Embora, para quem visse de fora, Fea e Moco parecessem no máximo um pouco aparentadas, ou mesmo não ter relação alguma entre si, as duas seguiram tão próximas quanto gêmeas, sempre atenciosas e apreciadoras da presença uma da outra.

O mesmo acontecia com Beatriz e Daniel. Por mais próximos que os três primos Soria fossem, Beatriz e Daniel eram mais próximos ainda. Ambos eram serenos por dentro e por fora, e ambos tinham uma curiosidade voraz pelo que fazia o mundo funcionar. Mas havia também a proximidade criada pelos milagres. Todos os Soria eram dotados do dom de realizar milagres; mas, a cada geração, nasciam alguns mais talhados para a tarefa do que outros: eles eram mais estranhos ou divinos do que as outras pessoas, dependendo de a quem você perguntasse. Daniel e Beatriz traziam em si a maior santidade no momento e, como Beatriz queria desesperadamente não ser “a Santa”, e

Daniel queria um pouco mais do que isso, um equilíbrio foi alcançado.

Do lado de fora do caminhão, o céu frio do deserto empurrava para cima, para fora e para longe, uma história sem fim. Beatriz tremeu; sua mãe, Antonia, dizia que ela tinha o coração de um lagarto — e era verdade que tinha a preferência de um réptil pela claustrofobia do calor. Embora Beatriz tivesse uma lanterna amarrada à bainha da saia, não a pegou. Não estava nem um pouco preocupada com a CFC, mas, mesmo assim, não queria chamar a atenção para sua localização. Ela tinha um forte sentimento, da maneira que um Soria tem às vezes, de que havia milagres a caminho, e haviam dito a ela, da maneira que dizem a todos os Soria, que havia consequências por interferir em milagres.

Então, eles caminharam na quase escuridão. À semiluz da lua, dava para distinguir bem as silhuetas dos arbustos de baionetas-espanholas pontiagudas, manzanitas espigadas e chaparrales hirsutos. Os zimbros liberavam uma fragrância úmida, quente, e os cardos russos prendiam-se à saia de Beatriz. A luz distante de Alamosa dourava o horizonte, parecendo natural de tão longe, como um nascer do sol prematuro. Do rádio, Diablo Diablo disse:

— Olhe, espere, ouça, aqui vai um single que vai deixar você de boca aberta, um sonzinho quente que não foi tocado o suficiente pelos grandões.

Dentro da mente de Beatriz Soria, os pensamentos giravam de forma ativa, como sempre. Enquanto ela e Daniel avançavam noite adentro, ela pensou sobre a

engenhosidade casual do rádio portátil que carregavam e também sobre uma época em que as pessoas haviam imaginado o ar da noite como cheio de nada e também sobre a expressão “ar parado”. E agora pensava, em vez disso, sobre como ela estava realmente avançando em meio a uma cidade atômica tomada por substâncias químicas invisíveis, microrganismos e ondas, estas detectáveis apenas porque ela segurava uma caixa mágica capaz de recebê-las e cuspi-las de volta para seus ouvidos mortais. Beatriz curvou-se na direção desses sinais de rádio invisíveis, como ela faria contra um vento forte, e, com uma das mãos, apanhou o ar como se pudesse senti-lo. Este impulso ela tinha muitas vezes: o de tocar o invisível. Tinha aprendido, após anos de correção na infância, a reservá-lo para momentos em que ninguém mais a estivesse observando. (Daniel não contava como alguém mais neste sentido.)

Mas Beatriz sentia agora o lento calafrio de um milagre se aproximando. O sinal do rádio começara a falhar; outro rádio estava devorando uma sílaba aqui e outra ali...

— Beatriz? — perguntou Daniel. Sua voz soava um pouco vazia, um copo sem água, um céu sem estrelas. — Você acha que consequências são significativas se não as virmos por nós mesmos?

Quando uma pergunta é sobre um segredo, às vezes as pessoas farão seu questionamento de forma diferente, porém relacionado, esperando conseguir uma resposta que vá funcionar para ambas as perguntas. Beatriz percebeu de imediato que era isso que Daniel estava fazendo agora. Ela

não sabia o que fazer a respeito do fato de ele ter segredos, mas respondeu da melhor maneira que pôde:

— Acho que uma consequência não testada é uma hipótese.

— Você acha que eu tenho sido um bom santo?

Esta ainda não era de fato a pergunta em sua mente e, de qualquer modo, nenhuma pessoa que tivesse passado ao menos um minuto em Bicho Raro teria alguma chance de depor contra a devoção de Daniel Lupe.

— Você é melhor do que eu seria.

— Você daria uma boa santa.

— As evidências não concordam com você.

— Onde está sua ciência? — perguntou Daniel. — Uma única prova não é ciência. — O tom dele era mais leve agora, mas Beatriz não se sentia reconfortada. Normalmente, ele não parecia preocupado, e ela não conseguia esquecer o som disso em sua voz.

Beatriz virou um pouquinho o rádio para reduzir os estalidos.

— Alguns experimentos exigem apenas um resultado como prova. Ou, pelo menos, como prova de que não é responsável realizá-los uma segunda vez.

A estática cada vez mais alta pairava entre os dois primos e, por fim, Daniel disse:

— Você já parou para pensar que talvez estejamos agindo errado? Todos nós?

Essa finalmente era uma pergunta real, em vez de uma pergunta oculta, embora não fosse *a* real. Mas era um

quebra-cabeça grande demais para ser respondido em apenas uma noite.

Adiante, a conversa foi interrompida por um tremor no arbusto diante deles. Este se contraiu e tremeu de novo, e então uma sombra saiu dele rugindo.

Nem Beatriz nem Daniel recuaram. Isso porque eles eram Soria. Na família deles, se você fosse saltar a cada sombra que aparecesse de repente, seria melhor desenvolver belas panturrilhas.

O rugido revelou-se um grande ruído abafado de asas, e a sombra, uma enorme ave em fuga. Ela bateu as asas tão perto que os cabelos de Beatriz bateram no rosto: uma coruja.

Beatriz sabia muitas coisas sobre corujas. Elas têm olhos enormes e poderosos, mas os extraordinários globos oculares estão fixos no lugar por protuberâncias ósseas chamadas anéis escleróticos. É por isso que as corujas precisam mover a cabeça em todas as direções, em vez de virar rapidamente os olhos de um lado para o outro. Várias espécies têm orelhas assimétricas, o que lhes permite localizar com precisão a origem de um som. Muitas pessoas não se dão conta de que, além de possuir visão e audição poderosas, corujas são muito atraídas por milagres, embora o mecanismo que as atraia em direção a eles seja mal compreendido.

Daniel se inclinou para desligar o rádio. O silêncio apressou-se à volta deles.

Do outro lado de onde a coruja havia aparecido, surgiram faróis distantes. Em um lugar como aquele, você

poderia passar a noite inteira sem ver outro veículo e, assim, foi com interesse que Beatriz observou as duas luzinhas se deslocarem da direita para a esquerda. Ele estava distante demais para ser ouvido, mas ela conhecia o ruído de pneus sobre o cascalho, tão bem que seus ouvidos fingiram tê-los pego. Beatriz ergueu a mão para ver se conseguia sentir o som com os dedos.

Daniel fechou os olhos. Sua boca se mexeu. Ele estava rezando.

— Faróis! Vocês estão malucos? — Joaquin tinha cansado de esperar que dessem notícias e, agora, os chamava do baú aberto do caminhão. — *Faróis!* Por que não disseram na hora?! A CFC!

Beatriz fechou os dedos e baixou a mão. Ela disse:

— Eles não estão vindo nessa direção.

— Como você pode saber?!

— Eles estão indo para...

Ela fez um gesto vago com a mão e deixou que este completasse a frase.

Joaquin saltou de volta para dentro, a fim de arrancar os cabos da bateria, então pulou para fora do caminhão e começou a arrancar os cabos no chão, com uma energia intensa e temerosa. Mas Beatriz estava certa, como muitas vezes estava. Os faróis continuaram em seu caminho distante, sem pausa, iluminando antílopes imóveis e moitas de relva. O veículo dirigia-se, com certeza, para Bicho Raro. Ele não estava caçando um sinal de rádio, e sim um milagre.

Daniel abriu os olhos e disse:

— Preciso chegar lá antes deles.
Não haveria um milagre sem um santo.

2

Havia duas pessoas no veículo seguindo na direção de Bicho Raro aquela noite: Pete Wyatt e Tony DiRisio.

Pete e Tony haviam se cruzado por acaso na região oeste do Kansas muitas longas horas antes. Não literalmente, mas quase. Pete estivera pedindo carona ao longo da pradaria sem fim, contando, em voz alta e em câmera lenta, os marcadores de quilometragem, quatro ou cinco vezes por hora, quando uma coruja grande voou bem por cima de sua cabeça, fazendo-o dar um salto de alguns centímetros. Um segundo mais tarde, um carro adentrou, derrapando, o espaço que Pete estivera ocupando havia pouco. Tony baixou o vidro, espiou através da nuvem de poeira e cascalho, e indagou:

— Qual é o meu nome?

Quando Pete confessou que não sabia, a expressão de Tony se descontraiu.

— Você terá de dirigir — disse Tony, soltando o cinto de segurança —, porque estou chapado demais.